



"EM NENHUM MOMENTO DA MINHA VIDA PENSEI EM TRABALHAR SEXUALIDADE E GÊNERO": REFLEXÕES DE PARTICIPANTES DO PIBID-BIOLOGIA SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Autores. Roniel¹ Figueiredo Santos. Laís² de Souza Machado. Marcos³ de Souza Lopes. ¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, ronielbiologia@hotmail.com. ²Centro Universitário de Ciências e Tecnologia, laimachado18@gmail.com. ³ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, markuslopessouza@gmail.com.

Tema. Eixo temático 2.

Modalidade. 1. Nível educativo Ensino Médio.

Resumo Este trabalho discute as potencialidades e limitações dos espaços de discussões sobre corpo, gênero e sexualidade, promovidos pelo Subprojeto de Biologia do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na escola. Essas discussões foram desenvolvidas em oito oficinas mediadas por duas participantes do Pibid-Biologia. Assim, esse trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa em que os dados foram construídos a partir de entrevista semi-estruturada e foi realizada análise de discurso. Os principais desafios foram os preconceitos e discriminações externalizados pelos/as discentes; o discurso religioso como fundamento de embate a essas discussões e o receio das participantes quanto à reação dos familiares dos/as alunos/as. Sobre as potencialidades foram apontadas: a relevância da realização da atividade para suas formações profissionais e humanas, os novos olhares construídos para a diversidade.

Palavras-chave: Ensino Médio, Formação docente, Diversidade sexual, Diferenças, Ciências Biológicas.

Introdução

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC), cujo objetivo é fomentar espaços de experiências docente a estudantes de cursos de licenciatura, por meio de vivência em sala de aula, buscando propostas inovadoras, que não estejam incluídas no programa de estágios obrigatórios das Instituições de Ensino Superior (Brasil, 2007).

O Pibid é organizado em subprojetos que contemplam diversas áreas do conhecimento, como o subprojeto de Biologia, vinculado ao curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Campus Jequié – BA/Brasil. Esse subprojeto conta com uma professora universitária como coordenadora de área, duas professoras supervisoras da educação básica e doze licenciandos.

Com o objetivo de fomentar espaços formativos para as questões das diferenças, o subprojeto-Biologia realizou parceria com o Núcleo de Estudos sobre Diversidade de Gênero e Sexual da UESB, viabilizando processo formativo com os/as participantes do Pibid, que possibilitou o desenvolvimento de diálogos sobre essas temáticas na escola. Assim, alguns questionamentos mobilizaram a construção dessa pesquisa, como: De que forma os/as participantes do Pibid avaliam o trabalho com gênero e sexualidade na educação básica? Quais os espaços que essas discussões ocupam no ensino básico? Quais as potencialidades e fragilidades desse processo educativo?

Assim, este trabalho tem como objetivo discutir as potencialidades e limitações de espaços de discussões sobre corpo, gênero e sexualidade, promovidos pelo Pibid-Biologia na educação básica.

Referencial teórico

A sociedade contemporânea é, em muitos aspectos, organizada a partir de binarismos como os que perpassam as relações de corpo, gênero e sexualidade, pois esse sistema binário é baseado na “lógica” linear entre Sexo-Gênero-Sexualidade, na qual o sexo determinado unicamente pelo órgão genital e estrutura cromossômica aciona automaticamente o gênero e, consequentemente, a sexualidade (heterossexual), em um processo tido como “natural”. No entanto, as vivências humanas escapam desse sistema linear, como aponta Joan Scott, o gênero é uma categoria social produzida em um corpo sexualizado. Neste sentido, a reflexão sobre os gêneros não estão diretamente associadas às suas vivências sexuais, mas dizem dos diversos papéis que são atribuídos às mulheres e homens durante sua vida.

Sobre a sexualidade, Foucault (1998) também nos dá pistas sobre os caminhos reflexivos para uma abordagem da sexualidade dizendo que não se deve pensar esse dispositivo enquanto natural, ou “indócil por necessidade” ao contrariar os poderes que visam dominar a sexualidade. Mas pensá-la enquanto um ponto de conexão nas relações de poder que são estabelecidas pelos sujeitos/as, não sendo, portanto, o elemento mais rígido, mas utilizável em diversas estratégias sociais” (Foucault, 1988, p. 98).

As discussões sobre corpo, gênero e sexualidade no ambiente escolar são concebidas em um contexto de relações de poder travadas diariamente. Assim, a escola se insere neste interim, em que a sexualidade é percebida como um dispositivo fixo, permeado por controles, discursos, e práticas que visam produzir/estabelecer/normatizar o que é permitido em relação aos corpos e aos prazeres (Foucault, 1988).

Nesse contexto, falar em gênero, corpo e sexualidade na perspectiva da diversidade e acolhimento das diferenças pode ser desafiador para estudantes e profissionais da Biologia, pois o curso de formação inicial, geralmente, aborda essa temática de maneira essencialista, focando nas premissas biológicas. Ao falar de formação docente para essas questões, Souza e Diniz (2010) problematizam as universidades enquanto espaços de promoção da diversidade:

[...] o que a universidade vem fazendo no sentido de uma formação que contemple conteúdos e práticas referentes às diversidades sexual e de gênero? Em que medida ela incorporou a discussão desses temas em suas licenciaturas? (Souza & Diniz, 2010, p. 121).

Os cursos de formação de professores de Ciências e Biologia são desafiados, neste sentido, a enfrentarem um processo de (des)construção e de (des)conhecimento no qual a normalidade das práticas e discursos sobre corpo, gênero e sexualidade deve ser confrontada. Esse processo implica numa mudança de paradigmas (César, 2009).

Metodologia

A presente pesquisa apresentada é qualitativa por sua própria natureza, tendo em vista que volta o seu olhar às ideias, sensações, dúvidas e questionamentos dos/das participantes, de modo a estabelecer discussões que estão envoltas de subjetividades, sem a intenção de precisar, mas realizar reflexões sobre um determinado tema (Minayo; Deslandes & Gomes, 2010).

Esse estudo foi desenvolvido com duas participantes do Pibid-Biologia: uma licencianda em Ciências Biológicas (Cecília) e a professora regente de uma turma do ensino médio de uma escola estadual no município de Jequié-BA/Brasil (Carolina). Os dados foram construídos a partir da vivência das participantes na mediação de espaços de discussão sobre corpo, gênero e sexualidade, estruturados em oito oficinas. Todos os nomes utilizados nesse trabalho são fictícios com o intuito de garantir o sigilo de suas identidades.

Os temas discutidos nesses encontros foram: sexualidade; gênero; auto-estima; diversidade sexual; universo trans; corpo, prazer, masturbação e virgindade; práticas sexuais e saúde; e sexualidades e violência. Durante os encontros foram realizadas aulas expositivas dialogadas; atividades de análise de objetos e discursos; roda de conversa; exibição de música e curtas metragens; leitura e discussão de textos e imagens.

O material empírico foi construído a partir de entrevistas semi-estruturadas realizadas com as participantes ao final da última oficina. Segundo Minayo; Deslandes e Gomes (2010) a entrevista constitui uma produção em que os pontos de vistas dos sujeitos são expressos, facilitando a construção dos dados, na pesquisa qualitativa.

Os dados foram transcritos e analisados segundo a análise de discurso, tomando o discurso enquanto um conjunto de signos que não se restringe ao ato de verbalizar ou a ação individual de pronunciar discursos, mas se constitui enquanto práticas que “moldam nossas maneiras de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele” (Veiga-Neto, 2016, p. 93).

Resultados e discussão

O desafio de se trabalhar com uma temática considerada nova e a relevância dessas discussões no ambiente escolar mobilizou as participantes a dialogarem sobre corpo, gênero e sexualidade, apesar de reconhecerem as dificuldades que poderiam enfrentar no processo. Nesse sentido, após vivenciar as experiências discursivas em sala de aula, elas destacaram alguns fatores potencializadores e limitantes do trabalho que realizaram.

Um dos primeiros fatores limitantes relatados pelas participantes foi as atitudes preconceituosas dos/as discentes em relação à abordagem de corpo, gênero e sexualidade na perspectiva da valorização das diferenças. Carolina se mostrou incomodada com o posicionamento de alguns discentes e relatou como se sentiu diante disso.

Eles trazem muitos preconceitos ainda, [...] e eu imaginava que por conta da realidade da escola que tem vários alunos homossexuais assumidos e eles conviverem tranquilamente, sem preconceitos, sem agressão verbal, pelo menos a gente não vê.

A análise da fala da professora contribui para a compreensão de que o próprio ato de colocar em discurso gênero e sexualidade na sala de aula funcionou como um gatilho para que situações que comumente ocorrem no ambiente escolar sejam notadas, rompendo com o caráter de normalidade e invisibilização que práticas excludentes costumam ter nesses espaços. É importante destacar que muitas manifestações preconceituosas ocorrem de maneira simbólica, como nomes escritos em banheiros, afastamentos, olhares de repúdio e nem sempre essas atitudes são percebidas pelos/as professores/as.

Nesse sentido, Junqueira (2012) relata a existência de duas pedagogias implícitas no ambiente escolar: a do insulto e a do armário. Na primeira os/as alunos/as que não se enquadram no modelo hegemônico são ofendidos/as por insultos, apelidos

Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en
nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la
formación de profesores.

e vexações que conduzem à segunda pedagogia, que submete estes/as discentes ao esconderijo do segredo e dos silenciamentos de suas ações.

Outro aspecto evidenciado durante as oficinas foi a menção da religiosidade cristã enquanto fundamento para os embates às questões de sexualidade e gênero, como é apontado por Cecília:

O que eu vi é que a questão da religião é algo forte pra eles. Muitos ali tinham uma criação rígida, falavam a questão de que Deus criou homem para a mulher e que isso leva à reprodução. O restante é pecado.

A ideia da homossexualidade como pecado vem sendo reproduzida pelo discurso religioso cristão em toda a história. Para garantir a manutenção do controle da sexualidade, a religião utiliza da promoção da culpa, como reflete Bernardi (1985, p.57): “o sentimento de culpa generalizado, que impera na mente da totalidade dos seres humanos em nosso âmbito cultural, é consequência da invenção do Pecado. Uma invenção que se traduz em um conceito obscuro, nebuloso, rude, [...] e por isso mesmo potentíssimo”. Esse discurso é tão potente que se reverbera em diversos espaços e instituições, especialmente os escolares.

Nessa mesma direção as participantes relataram o receio em discutir a temática, afinal de acordo com a formação moral e religiosa dos familiares dos/as discentes é possível que haja uma situação desconfortável para os/as docentes, pois elas podem ser questionadas e até acusadas de estarem ensinando uma “ideologia de gênero”. Cecília corrobora com isso ao entender que a escola não trabalha com essa temática pelo:

[...]medo do que isso vai gerar, de como isso vai chegar em casa, como os alunos vão se comportar diante disso, pois ainda é uma temática que gera polêmica e hoje em dia eu acho que as escolas querem ser neutras[...]essa temática pode até gerar conflitos com pais, porque a gente tem que ver que cada aluno vem com uma cultura, uma religião que muitas vezes não aceita, não tolera tal trabalho

Esse temor relatado por Cecília é compartilhado por muitos/as professores que receiam desagradar a família dos/as estudantes e gerar problemas para escola e para si. A neutralidade da escola trazida na fala da licencianda nos faz pensar em duas direções: que há escolas que não dialogam por receio de represálias geradas por movimentos que ganharam força na contemporaneidade como “escola sem partido” e “ideologia de gênero”, ou por concordarem, ainda que de forma velada, com os movimentos supracitados (Moreira & César, 2019).

Sobre os aspectos potentes do desenvolvimento do trabalho, as professoras apontaram para a relevância da realização da atividade para suas formações profissionais e humanas, relataram que construíram um novo olhar para a diversidade sexual e de gênero e que conseguiam compreender a necessidade de uma abordagem pautada no respeito das vivências e posicionamentos que contribuam para as desconstruções sobre sexualidade e gênero, como afirma Carolina quando questionada se sua percepção das sexualidades havia mudado:

Eu sempre respeitei a condição de cada indivíduo, mas eu buscava uma resposta biológica para a transexualidade e para a homossexualidade e quando eu pensava em abordar esse tema na escola, eu pensava em abordar só quando eu tivesse uma resposta, porque os meninos iam perguntar e eu tinha que ter uma resposta. Então eu sempre fugia do assunto. Em nenhum momento da minha vida pensei em trabalhar sexualidade e gênero.

Por fim, a parceria estabelecida entre o Núcleo de Estudo em Gênero e Diversidade Sexual e o Pibid foi um aspecto presente em todas as entrevistas. As participantes destacaram a importância do processo inicial para que conseguissem confiança para realizar o trabalho. O apoio da escola também é um ponto considerado como positivo, pois ao compreender a escola como um espaço articulado de formação é necessário que haja uma parceria entre os segmentos desta para o sucesso das propostas que lá são desenvolvidas.

Conclusões

Falar em gênero e sexualidade é algo desafiador. Essa situação é possivelmente potencializada quando são estudantes/profissionais da Biologia falando sobre essas questões. Pois, o curso de Ciências Biológicas geralmente aborda essa temática de maneira essencialista, focando nas premissas biológicas. Neste sentido, discutir como um grupo, após uma experiência formativa envolvendo as discussões de gênero e sexualidade desenvolvida no Pibid e quais as contribuições e limitações para a formação docente constitui um exercício de análise das minúcias que se apresentam nesse processo.

Apesar dos desafios que o trabalho com as discussões sobre corpo, gênero e sexualidade possui e que, muitas vezes, dificultam a sua realização no ambiente escolar, os espaços de diálogos construídos por Carolina e Cecília mostram que essa é uma tarefa possível, sobretudo, quando há um processo formativo adequado e um grupo de apoio que contribua para as mudanças paradigmáticas e construção de novos olhares. Neste sentido, as participantes avaliaram o trabalho realizado como uma importante experiência em suas formações docente e humana, pois passaram a perceber as sexualidades dissidentes de maneira mais acolhedora.

Urge a necessidade de que essas temáticas sejam trabalhadas durante a educação básica. Para tanto, é preciso que essas discussões perpassem os ambientes acadêmicos, sobretudo no que tange aos cursos de formação de professores/as, para que os/as egressos/as sejam multiplicadores/as de uma educação pluralista e acolhedora das diversidades sexuais e de gêneros.

Referências bibliográficas

- Bernardi, M. (1985). *A Deseducação sexual*. São Paulo, SP: Summus.
- Brasil. (2007). Portaria Normativa nº 38, de 12 de dezembro de 2007. *Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid*. Diário Oficial da União, 239(1).
- Cesar, M. R. A. (2009). Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". *Educ. rev.* 35(1).
- Foucault, M. (1988). *História da Sexualidade: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, RJ: Graal.
- Junqueira, R.D. (2012). Pedagogia do armário e currículo em ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no cotidiano escolar. In: Miskolci, R., & Pelúcio, L. (Org.), *Discursos fora da ordem: sexualidade, saberes e direitos*. São Paulo, SP: Ananablume, 277- 303.
- Minayo, M. C. S., Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2010). *Pesquisa social: teoria método e criatividade*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Moreira, J., & Cesar, M. R. A. (2019). Ideologia de Gênero: uma metodologia de análise. *Educ. Real.*, Porto Alegre, 44(4).
- Scott, J. W. (1995). "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação & Realidade*. Porto Alegre, 20(2).



Bogotá, 13 a 15 de octubre de 2021
Modalidad On Line – Sincrónico

Revista Tecné, Episteme y Didaxis: TED. Año 2021. Número Extraordinario. ISSN impreso 0121-3814. E-ISSN 2323-0126.
Memorias del IX Congreso Internacional Sobre Formación de Profesores de Ciencias.

Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la formación de profesores.

Souza, L. C., & Dinis, N. F. (2010). Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. *Pro-Posições*, 21(3), 119-134.

Veiga-Neto, A. (2016). *Foucault e a Educação*. Belo Horizonte, BH: Autêntica.